

## LEITURA E MEMÓRIA SOCIAL\*

*Maria Nilma Góis da Fonseca\*\**

Para entender o tema em discussão, é necessário tecer algumas considerações em torno do termo leitura e definir em que sentido toma-se aqui a expressão memória social. Ao se falar em leitura, imediatamente, vem à mente a imagem de alguém com um livro (jornal, revista, folheto) na mão. Associa-se de imediato o ato de ler à escrita. Na maioria das vezes, relaciona-se essa leitura à decifração do código escrito. Mas sabe-se que ler é muito mais que decifrar.

A palavra leitura possui diversas formas de utilização e, segundo Barthes, o conceito de leitura remete a um conjunto de práticas difusas. Pode-se, então, considerar o ato de ler como técnica, prática social, forma de gestualidade, forma de sabedoria, método ou, ainda, como uma atividade voluntária.

Em qualquer um dos sentidos que se tome essa palavra, é-se levado a reconhecer a sua importância na vida em sociedade, pois ela abre perspectivas à formação integral do indivíduo. Não se há de discutir a importância do ato de ler, o seu valor já está posto na sociedade letrada. Com Paulo Freire, não canso de repetir que é preciso possuir da leitura uma compreensão crítica que não se esgota na descodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura

---

\* Texto apresentado em um Encontro de professores dinamizadores de leitura da rede Estadual de Educação do Estado de Sergipe.

\*\* Maria Nilma Góis da Fonseca é professora do Departamento de Letras da UFS

desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.

Ora, sendo assim, a leitura ajuda a entender o mundo, ampliando a percepção do indivíduo. Da mesma maneira o conhecimento do mundo concorre para o entendimento da leitura. As pesquisas comprovam que, quanto mais larga a visão de mundo, mais se tem necessidade de ler e quanto mais se lê, mais se compreende o mundo. Logo, o movimento não tem fim, é circular e contínuo. A leitura é fonte de prazer, de sabedoria, de alegria, de emoção e de vida.

Partindo dessa perspectiva, está se considerando a leitura no sentido amplo: o ato de ler refere-se tanto ao escrito quanto a outros tipos de expressão utilizados pelo ser humano, como a leitura de um gesto, de uma imagem, de um comportamento etc. Mas, quero tomar aqui a leitura em seu sentido estrito. O objetivo desse nosso encontro, hoje, é refletir sobre a leitura do texto escrito, mais especificamente da leitura de livros. E aqui, outro viés pode ser tomado. Ao se falar da leitura de livros, pode-se considerar a quantidade de livros lidos e/ou a qualidade dos livros. Pode-se, ainda, fazer referência à qualidade da leitura realizada. Mas isso seria muito complicado focalizar num encontro de três horas. A questão merece mais tempo para reflexão. Mas, mesmo assim, gostaria de fazer referência à existência de vários níveis de livros, ou seja, poder-se-á dizer que haveria uma "alta literatura e uma baixa literatura".

Leila Perrone-Moisés, conhecida crítica literária, denomina de alta literatura aquela que possui uma linguagem mais elaborada, que exige um esforço maior para ser entendida, aquela em que será necessário mais conhecimento para ser lida. E baixa literatura seria a obra mais simples, alguns "best-sellers", aquela que tem alta penetração, que é mais consumida. A consequência da leitura dos dois tipos de literatura será diferente: a alta literatura aumenta o conhecimento, em geral, do leitor, não em termos de informação, mas na sua capacidade de crítica do real, de aumentar a sua cultura letrada, de inovar a sua linguagem, de lhe possibilitar um "cabedal cultural". Enquanto a leitura de segundo tipo seria mais informativa e menos formativa.

Se houvesse pesquisa sobre a memória de leitura do brasileiro, poder-se-ia saber que tipo de memória teriam os brasileiros, se uma memória da alta literatura ou se uma memória da baixa literatura. Infelizmente não se sabe, com base em pesquisas, se o brasileiro lê muito ou pouco, muito menos o



tipo de sua leitura. Caso se considere o número de publicações e tiragens de livros, pode-se dizer que se lê muito no Brasil, ou pelo menos, que a leitura tem aumentado consideravelmente ao longo dos anos. No entanto, não é isso que afirmam professores universitários, críticos literários, livreiros, dentre outros. No artigo citado, Perrone-Moisés diz que o tipo de vida na sociedade contemporânea não é propício ao isolamento e à leitura.

Para refletir sobre tal questão, é preciso considerar o contexto brasileiro, principalmente, em relação à educação sistematizada. O Brasil, país de muitos contrastes sociais, possui também muitos contrastes na educação de seu povo. Infelizmente, não há no Brasil uma história das práticas de leitura. Pode-se deduzir essa prática pela produção impressa e pelas mediações de sua posse. Esta, sabe-se que tem sido desigual por parte dos diferentes segmentos sociais e, também, que tem sido realizada através de diferentes meios sociais.

Denomino de meios sociais: salas de aula, bibliotecas, gabinetes de leitura, locação de livros, empréstimo de amigos, leitura em reuniões, leitura para realização de trabalhos etc.

Além disso, para compreender a formação da memória social da leitura em nosso país, é preciso não esquecer que o "saber ler" foi e continua sendo um poderoso vetor de discriminação social. Ler e escrever sempre foram atividades ligadas às esferas do poder e da religião. A história mostra que a alfabetização sempre esteve ligada às reivindicações políticas e sociais de um povo.

Conhece-se também a luta contra o analfabetismo e quantas campanhas e programas já foram criados no Brasil com o objetivo de extinguir este mal social. Infelizmente, somos herdeiros de uma tradição educacional pobre e improvisada que, analisada, mostra a incompetência com que a questão da alfabetização tem sido tratada em nosso país, pois, apesar dos esforços empreendidos, o Brasil ainda freqüenta as listas dos países onde há grande índice de analfabetismo. É um país que possui um baixo índice de escolaridade, cujo percentual da população que estudou até o nível secundário é de, apenas, 17%

Ora, qual será a memória de leitura de nosso povo? Esta não seria, apenas, a memória de uma minoria? Ou, dizendo de outro modo, não seria uma pequena memória? Quem são os que têm acesso à leitura? Por que não se tem o acesso facilitado? São questões que merecem uma reflexão, para se



entender que a solução depende das políticas sociais priorizadas pelos governantes.

Mas o que estamos chamando de memória social? E qual seria a relação entre leitura e memória social?

O Aurélio diz que memória é a faculdade de reter as idéias adquiridas anteriormente, é lembrança, é reminiscência. Podemos então afirmar que, ao conjunto das lembranças de uma determinada sociedade, pode-se dar o nome de memória social.

Roland Barthes diz que "a leitura de todos os bons livros é como uma conversa com as pessoas mais honestas dos séculos passados, que foram os seus autores". Assim, a memória social da leitura poderia ser definida como o conjunto das leituras de um povo. A conversa que ele tem não só com os autores do passado, mas também com os da atualidade.

Sendo a literatura um ramo da produção cultural, só quem tem acesso a essa produção tornar-se-á leitor. E para se ter acesso, vários fatores contribuem: da alfabetização, passando pelo despertar do prazer de ler ao poder econômico, que dará acesso aos livros.

Quais são as formas de apropriação dos materiais culturais? Quais são as práticas de utilização e consumo dessa produção? Como se dá a distribuição dessa produção? Qual é o tamanho da população que lê? Qual é o número de livros existentes na casa de cada cidadão brasileiro?

Todas essas questões encontram-se sem respostas, pois não se fizeram, ainda, pesquisas que desvendassem todos os interditos da leitura. Nem foi objetivo dessa palestrante responder a todas essas questões. A academia fica devendo um trabalho dessa natureza. Mas em meio a tantas dúvidas e incertezas, tem-se uma certeza: a escola está diretamente vinculada à leitura.

Ao se falar em leitura, não há como não se falar em escola. A ela vincula-se o ato de ler e os professores, quer queiram quer não, estão intrinsecamente ligados à questão da leitura. Pode-se afirmar, com base nas pesquisas realizadas, que o estatuto da leitura sempre foi minoritário. Não é agora que ele está diminuído. Na verdade, na escola, ela está subutilizada em relação às suas imensas possibilidades.

Para a sociologia das práticas culturais, a leitura é uma arte de fazer que se herda mais do que se aprende. E, por essa razão, ela tem mais freqüentemente valor de sintoma de enraizamento nos grupos sociais que praticam as formas dominantes da cultura, do que valor de instrumento da



modalidade cultural em direção a esses mesmos grupos. Colocando o acento sobre o ler mais do que sobre o livro, sobre a recepção mais do que sobre a posse, os pesquisadores demonstraram amplamente que, na escola, não é a leitura que se adquire, mas são maneiras de ler que aí se revelam. Ao aprender a ler, criança contentar-se-ia em reinvestir no domínio do escrito as práticas culturais mais gerais do seu meio imediato. A rigidez da tecnologia pedagógica e a normatividade dos procedimentos de avaliação mascarariam, por si só, a diversidade dos resultados obtidos.

Assumindo a idéia de que a "leitura é uma prática cultural que se herda" e concordando que a criança reinventa "no domínio do escrito as práticas culturais de seu meio imediato", deve-se imputar à família a responsabilidade de estimulador da leitura, num primeiro plano. Como continuador da formação da criança, a escola funcionaria como o segundo elemento incentivador da leitura e, em seguida, poder-se-ia lembrar dos papéis dos meios de comunicação, do governo e da igreja. Cada uma dessas instituições deve assumir a responsabilidade de divulgador cultural, de dinamizador da leitura, de formador de leitores.

Os professores sentem as dificuldades ao trabalhar com a leitura. Há um grave descompromisso, sobretudo da política cultural do governo, em relação à leitura. Não fosse assim, poder-se-ia contar com bibliotecas compostas de rico e atualizado acervo. Contar-se-ia com muitos livros nas escolas, não apenas com o livro didático, atualmente, distribuído em quantidade. Herdeiros dessa realidade, os professores pouco conseguem mudar para construir uma outra história das práticas de leitura.

Não é muito difícil entender os empecilhos postos no caminho da memória da leitura do brasileiro. Basta lembrar a herança no tocante à leitura. Se somos um dos poucos países em que ainda há analfabetos e se a grande maioria da população não tem acesso sequer ao ensino de 2º grau, pode-se concluir que a grande maioria não tem acesso aos bens culturais, dentre os quais está o livro. Há, além disso, uma questão que considero mais grave, como fruto dessa realidade, os professores do 1º e do 2º graus, em razão de sua situação econômica e, até, de sua situação cultural, não têm se tornado leitores. Como poderão formar leitores?

Diante do que foi focalizado, creio ser possível arriscar um diagnóstico da memória social da leitura do povo brasileiro. A realidade mostra que as instituições que deveriam disseminar a leitura no país têm falhado. Além disso,

pela precariedade de nossas bibliotecas, pela falta de condições de trabalho dos profissionais do magistério, pelo baixo poder aquisitivo da maior parte da população não se tem livros à disposição. Não se tendo o fundamental, dificilmente, poder-se-á levar avante um trabalho sério com a leitura. Então, creio não ser pessimismo afirmar que nossa memória social da leitura seja a de poucas leituras. Vive-se cada vez mais num mundo não propício ao isolamento, necessário ao ato de ler. " O mundo atual possui um excesso de informação e uma carência de formação"

Nesse ambiente, não há muito espaço para a boa leitura. No passado, poucos eram alfabetizados, pois a democratização da escola ocorre pós anos 70. O passado aponta, mais ainda, para uma minoria. Então, a memória reflete uma minoria, uma elite ou será uma pobre memória.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. "A leitura". *Enciclopédia Einaudi*, vo I. 11. Portugal/Lisboa : Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1987.
- CHARTIER, Roger.(org.). *Práticas de leitura*. (Tradução Cristiane Nascimento). São Paulo : Estação Liberdade, 1996.
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI. **Volume 11: Oral/escrito/argumentação**. Lisboa : Imprensa Nacional : Casa da Moeda.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo : Editora Autores Associados; Cortez Editores, 1982.
- HÉBRARD, Jean. "O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Durval aprendeu a ler?" In: *Práticas da Leitura*. Roger Chartier(org.). São Paulo : Estação Liberdade, 1996. pp. 36-37.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo : Ática, 1993.
- PERRONE-MOISÉS, Leila. "Entrevista a Alcino Leite Neto". *Folha de São Paulo*. Caderno Mais! 02 de agosto de 1998.
- \_\_\_\_\_. *Folha de São Paulo*. **Caderno Mais!** 02 de agosto de 1998.
- Revista VEJA**. ano 31: Nº 35 de 02-09-1998